

# Pasolini denunciou o capitalismo consumista | Leneide Duarte-Plon

30/08/2022

---

No centenário de nascimento, cineasta e poeta italiano recebeu retrospectiva em Paris. Era intransigente em política e detestava a corrupção e o oportunismo.



O mais belo filme sobre Jesus de Nazaré foi realizado por um cineasta ateu... e marxista.

Este ano, centenário do nascimento de Pier Paolo Pasolini, alguns cinemas de arte de Paris organizaram uma retrospectiva de sua obra para deleite dos pasolinianos. Leitor de Antonio Gramsci – poeta e teórico do marxismo, morto nas prisões do fascismo – a quem dedicou o livro de poemas “As cinzas de Gramsci”, Pasolini descobriu no Evangelho de Mateus um Jesus revolucionário e contestador da ordem estabelecida, o oposto daquele que muitas igrejas apresentam.

A cena em que Jesus expulsa os mercadores do templo deveria se repetir hoje em muitas igrejas. O profeta de Nazaré diz, citando o Antigo Testamento: “Está escrito, ‘a minha casa será chamada casa de oração’ mas vocês a transformaram em um covil de ladrões”. No filme, que revi este mês pela terceira vez, Jesus diz em italiano: “una spelunca di ladri”. Difícil como brasileira não pensar nas espeluncas de salteadores que pululam no Brasil.

O Jesus do filme “O Evangelho segundo Mateus”, de 1964, é um líder revolucionário, precursor do Jesus Cristo libertador dos teólogos da Libertação. Sem acrescentar uma vírgula ao texto original de Mateus, Pasolini reconciliou nessa obra-prima o cristianismo e o marxismo e fez um dos mais belos filmes do cinema italiano. É, sem dúvida, a mais despojada e fiel adaptação do Evangelho, com atores não-profissionais a começar pelo personagem principal, o estudante espanhol e simpatizante comunista Enrique Irazoqui. Esta escolha de não-profissionais, tipicamente neorrealista, levou Pasolini a buscar escritores ou filósofos do seu círculo de amigos para encarnar discípulos, camponeses e operários. O filósofo Giorgio Agamben é Felipe, um dos doze e Susanna Pasolini, mãe do cineasta, é a virgem Maria idosa.

Dedicado ao papa João XXIII, que promoveu o aggiornamento da igreja católica com o Concílio Vaticano II, o filme do poeta-cineasta tem como trilha sonora “A paixão segundo Mateus”, de Bach, além do spiritual “Sometimes I feel like a motherless child”. Apesar de ter chocado muitos católicos tradicionalistas, “O Evangelho segundo Mateus” ganhou o prêmio do Office Catholique International du Cinéma. O jornal da Santa Sé, Osservatore Romano escreveu em 2014: “A humanidade febril e primitiva que o cineasta leva à tela acaba dando um vigor novo à palavra cristã, que nesse contexto aparece ainda mais atual, concreta e revolucionária”.

No Festival de Veneza, o filme recebeu o prêmio especial do Juri e o prêmio da União Internacional da Crítica.

“O Evangelho Segundo Mateus” constrói a curta vida de um profeta revolucionário, detestado pelo establishment judaico de Jerusalém, os sacerdotes do templo que decidem sua morte. Paulo de Tarso, o apóstolo dos gentios, também fascinou Pasolini que escreveu um vigoroso roteiro sobre o santo dos cristãos, transpondo-o para o século XX. “O cineasta estava convicto de que a questão do cristianismo cruzava com a do comunismo, a da santidade com a do militante”, escreve o filósofo Alain Badiou em seu “Saint Paul – La fondation de l’universalisme” (Presses Universitaires de France, 1997).

### **Estamos todos em perigo**

Em avanço sobre sua época, Pier Paolo Pasolini, morto de forma violenta em 1º de novembro de 1975 na praia de Ostia, perto de Roma, deu sua última entrevista na véspera de morrer ao jornalista Furio Colombo, do jornal “La Stampa”. O poeta, romancista, escritor e cineasta constatava: “Estamos todos em perigo”.

Um dos maiores artistas do século XX, o intelectual marxista engajado era detestado pela sociedade burguesa. Sua morte foi, para muitos analistas, o resultado de um complô mafioso ou político para calar o incômodo crítico da política italiana, sobretudo na coluna “Escritos corsários”, publicada no “Corriere della Sera”, nos dois últimos anos de vida. A Democracia Cristã, severamente criticada por Pasolini por alimentar o clima de tensão da Itália dos “anos de chumbo”, viu, três anos depois, seu líder Aldo Moro ser sequestrado e morto pelas Brigadas Vermelhas.

O intelectual era a consciência crítica de uma sociedade italiana profundamente dividida politicamente. O poeta apaixonado pelo Cristo dos pobres foi lembrado em 2015, num encontro de intelectuais e artistas em Paris, no Théâtre du Rond-Point, no dia exato dos 40 anos de sua morte.

O artista plástico Ernest Pignon-Ernest, comunista como o italiano, foi o organizador da cerimônia. Pignon-Ernest é o autor de um magnífico retrato do artista como uma Pietà. Ele afirmou que a representação do inferno para Pasolini poderia ser o capitalismo consumista desumanizante e destruidor de laços de fraternidade, que ele pressentiu e denunciou.

Biógrafo e tradutor de Pasolini, René de Ceccatty ressaltou em um artigo que o intelectual era intransigente em política e detestava a corrupção e o oportunismo. Ceccatty levanta a hipótese de sua morte ter sido uma resposta dos serviços secretos italianos a um artista que chocava e incomodava, como os profetas do Antigo Testamento perturbavam os poderosos com uma pregação radical.

Ceccatty lembra que Pasolini escreveu um romance, “Petróleo”, publicado depois de sua morte, no qual conta a corrupção na ENI, a empresa de petróleo estatal da Itália. Em 1962, o presidente da ENI Enrico Mattei tinha morrido num misterioso acidente de avião provocado, provavelmente, por ter quebrado o monopólio das Sete Irmãs, as companhias de petróleo multinacionais que davam as cartas no Oriente Médio.

O assassinato de Pasolini permanece até hoje um mistério. Seus inimigos preferiram acatar (ou fabricar?) a tese de crime sexual, atribuindo sua morte a um encontro sexual que teria degenerado em violência e assassinato. Pasolini tinha apenas 53 anos e acabara de fazer o filme “Saló ou os 120 dias de Sodoma”, baseado em texto do Marquês de Sade. Ao ver-se sozinho em seu carro num suposto encontro homossexual foi espancado até morrer. O seu próprio carro foi usado para passar por cima do corpo.

### **Sociedade doente que mata seus poetas**

O cineasta incomodava pela lucidez e coragem de pôr o dedo na ferida de uma sociedade italiana hipócrita e corrupta. Ele denunciou a corrupção da Democracia cristã, descreveu a ascensão vertiginosa do neocapitalismo triunfante que vemos hoje em dia vitorioso no Ocidente; previu a ascensão de um tipo de político ligado a negócios milionários, como Berlusconi. E foi um dos primeiros a denunciar a uniformização, e conseqüente destruição, das culturas nacionais e locais no processo que hoje chamamos de mundialização.

No enterro, seu grande amigo, o escritor Alberto Moravia, sugeriu um crime político: “Uma sociedade que mata seus poetas, é uma sociedade doente”.

Seu último filme, “Saló ou os 120 dias de Sodoma”, só foi lançado depois de sua morte. O filme provocou a ira dos espectadores ao pôr em cena cruamente histórias do Marquês de Sade adaptadas ao contexto da República fascista de Saló, controlada pelos nazistas. Nela, fascistas sequestram 16 jovens e os aprisionam numa mansão onde são usados como fonte de prazer e sadismo. Considerado o artista mais escandaloso da Itália do pós-guerra, Pasolini teve de responder a mais de 20 processos.

Apontado como autor da morte do cineasta, Giuseppe Pelosi foi condenado em 1976 a nove anos de prisão, mas muitas dúvidas a respeito da autoria única do assassinato permanecem. Uma das hipóteses é que o crime teria motivações políticas e fora obra de membros do movimento neofascista italiano.

Numa entrevista à televisão italiana em 2005, Pelosi afirmou que fora coagido a confessar.

***Via Fórum 21***

Compartilhe nas redes: